

UFRGS Faculdade de Arquitetura

PROPAR Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura

ARQ 00022 Arquitetura no Rio Grande do Sul I

Professor Claudio Calovi

O PARQUE FARROUPILHA

Ensaio sobre a evolução do projeto paisagístico

Mestranda : Ana Maria Germani

Porto Alegre, novembro de 2002

1. Breve Histórico

A área do atual Parque Farroupilha foi doada à cidade em 24 de outubro de 1807, pelo governador Paulo José da Silva Gama, com a finalidade de ser utilizada como potreiro para o gado que se dirigia aos açougues da vila.

“ O documento de doação é explícito no sentido de que era “para os utilíssimos e necessários fins de conservação de gados que matam nos açougues desta vila”(Franco, 1992, p. 163)”.

Havia no contrato de doação uma cláusula, estabelecendo que o local não poderia ser alienado sem autorização de Sua Alteza Real. Foi o que salvou o atual parque em 1826, de ser vendido e loteado pela Câmara, posto que a área havia sido destinada para exercícios militares por oferecer condições para tal fim.

Esta área, conhecida inicialmente como Potreiro da Várzea, recebeu em 1867, a denominação de Campos do Bom Fim, devido à sua proximidade com a Igreja Nosso Senhor do Bom Fim e também às festas que ali se realizavam.

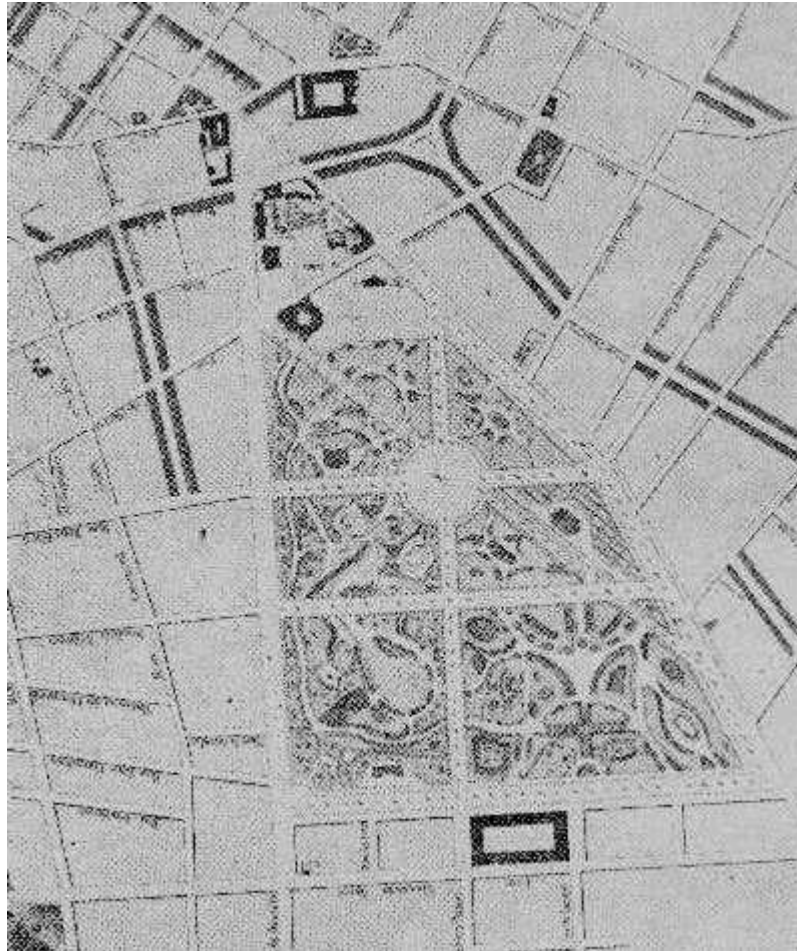
Em 9 de setembro de 1884, a Câmara propôs para o local, a denominação de Campos da Redenção, em homenagem à libertação dos escravos em Porto Alegre, um ano antes da libertação dos sexagenários e quatro anos antes da abolição da escravidão no país.

O primeiro ajardinamento da área foi realizado por ocasião da Grande Exposição de 1901. Já haviam sido construídas na ocasião a Escola Militar(1872) e a Escola de Engenharia(1896) .



Vista Parcial da Exposição de 1901(Fonte: arquivo SMAM)

Em 1914, na administração do Intendente Otávio Rocha, o Plano de Melhoramentos e Embelezamento da Capital, elaborado pelo Arquiteto João Moreira Maciel, propôs a divisão do Parque em nove quarteirões, sendo que o quarteirão demarcado pela exposição de 1901, já se encontrava ocupado pelos prédios do Instituto de Eletrotécnica, pelo Colégio Júlio de Castilhos, pelas faculdades de Direito e Medicina e ainda a Escola de Engenharia.



Plano João Moreira Maciel 1914 (fonte: Macedo, 1973)

Em 1927, foi implantado o Parque Paulo da Gama, tido como primeiro ajardinamento de quarteirão, hoje conhecido como "Roseiral", situado na parte noroeste entre a Av. João Pessoa e a rua eng. Luíz Englert.



Vista Aérea do Parque Paulo Gama, 1950 (fonte :arquivo SMAM)

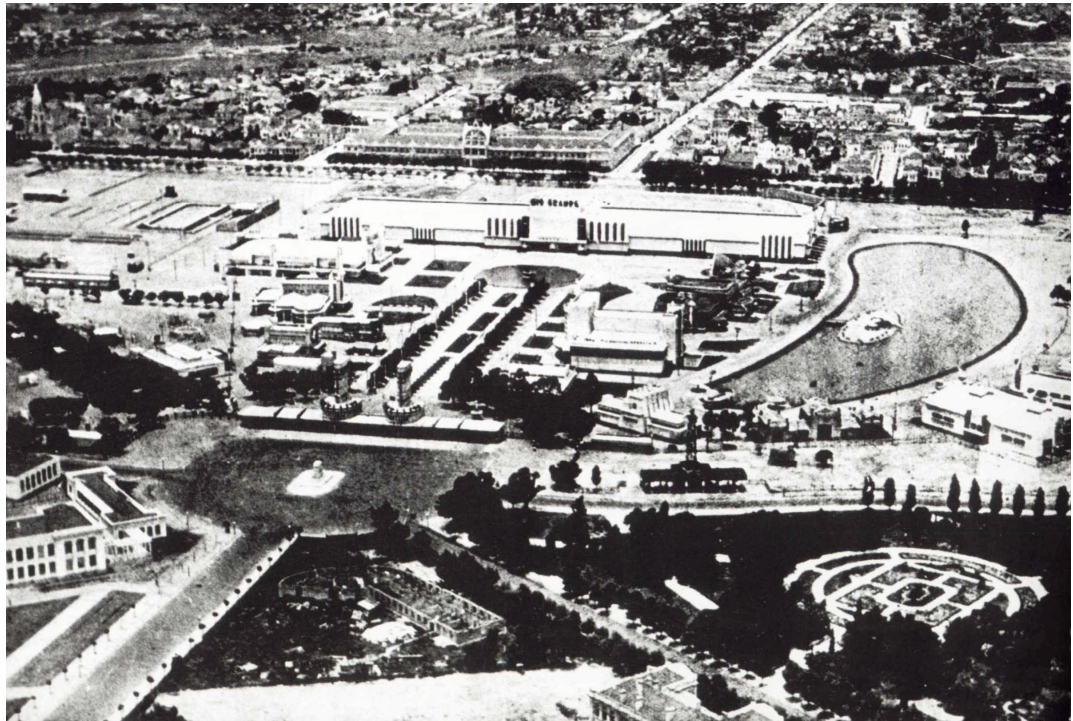
Na administração do Prefeito Alberto Bins, foi contratado o arquiteto urbanista francês Alfred Agache, para elaborar anteprojeto de ajardinamento do Campo da Redenção. Datado de 1928, este projeto retoma a unidade do conjunto da área, eliminando a proposta de parcelamento feita em 1914, por Moreira Maciel.



Anteprojeto Alfred Agache, 1928 (Fonte:Macedo,1973)

Parte deste projeto foi implantado em 1935, por ocasião da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, o que foi fundamental para a consolidação da área como parque urbano. Em homenagem ao Centenário da Revolução, o Campo da Redenção foi denominado Parque Farroupilha.

Foram implantados para a exposição o eixo principal, o lago com a ilha, o embarcadouro e a fonte luminosa com equipamento específico para movimentação e iluminação das águas, importado dos Estados Unidos, até hoje permanece ativo.



Vista aérea da Exposição ,1935 (fonte: arquivo SMAM)

Na administração do Prefeito José Loureiro da Silva(1937- 1943) foi contratado o engenheiro e arquiteto urbanista Arnaldo Gladosch para organizar o Plano Diretor de Porto Alegre.

Entre as diretrizes propostas para as áreas da cidade , Gladosch propôs a criação de um sistema orgânico de Praças e Parques e manifestou-se contrário à expansão da Cidade Universitária na área do Parque Farroupilha, o que era pensamento de alguns.

Em 1939, foi iniciada demolição dos pavilhões de estuque da exposição , e construídos o Estádio Ramiro Souto e o espelho d'água do eixo central do Parque, que foi adaptado em 1942 para piscina de dimensões olímpicas onde foram feitas várias competições. Esta piscina ,foi aterrada na gestão do prefeito Célio Marques Fernandes (1967), após um acidente fatal com uma criança, que nela se afogou, voltando a ser um espelho d'água.

Um único pavilhão permaneceu no parque, o Pavilhão do Pará, um dos poucos de alvenaria, que sediou a Divisão de Parques e Jardins, antiga divisão responsável por praças e parques, na época pertencente à SMOV. Este pavilhão pegou fogo em 17 de março de 1970, queimando a memória e os arquivos relativos às áreas verdes da cidade de Porto Alegre, e valiosa documentação sobre o Parque Farroupilha.

Boa parte do lixo da cidade, segundo Rui Krug, engenheiro agrônomo que acompanhou as obras, foi usado na época para ajudar a aterrar a imensa várzea, posteriormente coberto com aterro. Sendo o lixo da época de natureza orgânica em seu maior volume, muito contribuiu para a adubação das espécies vegetais plantadas, hoje árvores frondosas.

O parque recebeu aterro de muitas áreas da cidade, principalmente de cortes provenientes de aberturas viárias como do alargamento da Av. Protásio Alves. Deste local saíram inúmeros caminhões de terra de no máximo 2 m³ cada um. Do corte feito na altura do Hospital Petrópolis, foi feita a pequena elevação do Recanto Alpino.

Os recantos Jardim Alpino, Jardim Europeu, Jardim Oriental e Recanto Solar, foram implantados a partir de 1941.

Segundo relato do agrônomo Rui Baddo Krug, o diretor da divisão, também agrônomo, Guilherme Gaudenzi, foi o criador dos recantos do Parque Farroupilha. Sob sua orientação, os desenhistas davam forma às idéias, que eram executadas com sua supervisão pessoal. Deve-se também a ele, boa parte do plantio executado na área. Este plantio foi feito de forma aleatória, sem nenhum projeto. Observa-se, porém um certo critério, no plantio das palmeiras e ciprestes que formam desenhos e margeiam recantos.

Parte do plantio feito na área do parque, foi feito com mudas transplantadas das regiões do entorno da cidade, pelos operários da divisão e sob orientação de Gaudenzi.

As casuarinas existentes no eixo central do parque foram plantadas por Gumerindo Saraiva, técnico agrícola, que trabalhava na DPJ, aproveitando mudas do Viveiro Municipal para as quais não havia destino. Este viveiro, ficava onde hoje é o hospital Ernesto Dorneles.

O recanto Solar, que até hoje permanece sem o pino da marcação das horas, durante muito tempo abrigou no seu centro, um cobrário. Viveiro com dezenas de cobras dentro de uma área cercada, e que muito incomodou os moradores da Avenida Osvaldo Aranha. Estes, que tinham suas residências invadidas por ofídios que fugiam do cercado, pressionaram a Prefeitura até a extinção do cobrário.

O último recanto a ser construído foi para receber o Chafariz de Ferro que saiu da Praça Pereira Parobé após a enchente.

Guilherme Gaudenzi, saiu da prefeitura em 1945, e só em 1955 a Divisão de Parques e Jardins recebeu seu primeiro arquiteto, Claudio Ferraro.

Os animais sempre foram uma atração na história do parque. No Parque Paulo Gama, já existia um pequeno zoológico por volta de 1925, possuindo macacos,

patos, gansos, jacarés, lagartos e capivaras . Nas proximidades da área onde hoje é o Recanto Oriental, por volta de 1967, dentro de um cercado, havia um casal de búfalos, presente ofertado ao Prefeito Célio Marques Fernandes. Somadas à existência do cobrário, as iniciativas com animais como atração, provaram ter a aprovação do público porto-alegrense.

Anos depois , esta área recebeu a denominação de minizão Palmira Gobbi, que hoje transferido para o interior do parque continua sendo grande atração para seus visitantes.

Apesar da resistência de alguns autores com as peculiaridades do parque e seus recantos bucólicos, a cidade desenvolveu uma estreita relação com o Parque Farroupilha.

No seu livro Porto Alegre, história e vida da cidade, Francisco Riopardense de Macedo critica duramente a construção dos recantos no parque.

“É natural e justo que na análise de elementos executados há mais de um quarto de século se procure os aspectos positivos depois de apresentar tantos negativos que ainda poderão ser examinados.(Macedo, 1973, p. 119)”.

Justificam-se porém , pelas diferentes fases que resultaram nos mais diversos tipos de equipamentos implantados, e na materialização da área como parque urbano. Quem saberia dizer o destino da várzea, se não fossem as iniciativas de construção dos recantos, que garantiram a apropriação do parque pelos munícipes.

Em 1946, foi realizado concurso público por iniciativa do jornal Correio do Povo, para construção de monumento em homenagem aos combatentes da Força Expedicionária Brasileira que lutaram na Segunda Guerra Mundial. o Monumento ao Expedicionário, foi construído com o projeto de Antônio Caringi, vencedor do concurso e se diferencia por possuir arco duplo.

Este monumento, em granito, chamado Altar da Pátria foi inaugurado em 27 de maio de 1953, e foi alvo de algumas críticas, justamente por seu arco duplo.

O Parque Farroupilha tem sido, desde a comemoração do centenário da Revolução em 1935, o grande depositário de homenagens ` pessoas, fatos históricos , etc.

É perfeitamente possível analisar-se parte da história do Rio Grande e do Brasil a partir das hermas, bustos e placas encontradas em seu interior.



Monumento Ao Expedicionário, 2002 (fonte: arquivo SMAM)

O auditório Araújo Viana foi projetado em 1960 e inaugurado em 1961 pelo então governador Leonel Brizola. A construção deste auditório no interior do Parque Farroupilha, resultou do compromisso estabelecido entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Assembléia Legislativa do Estado do Rio grande do Sul, quando da construção da sede deste poder, em área onde antes estava o antigo auditório, na Praça da Matriz.

Projetado pelos arquitetos Carlos Maximiliano Fayet e Moacyr Moojen Marques, foi concebido inicialmente para ser aberto. Foi fechado em 1996, por cobertura de PVC tencionado em estrutura metálica. Nesta época foram removidos os antigos bancos existentes na platéia.



Vista do Auditório Araújo Viana, 2002 (Fonte: arquivo SMAM)



Auditório Araújo Viana, Fotomontagem sem a cobertura, 2002 (Fonte: arquivo SMAM)

Atualmente o Parque Farroupilha possui 40 hectares dos 69 inicialmente doados pelo governador Paulo José da Silva Gama à cidade de Porto Alegre.

Sua área foi sendo gradativamente reduzida através de alienações e construções na sua maioria sem relação com as funções de parque tais como, escolas, templos religiosos, loteamentos, abertura de vias, alargamentos viários, mercado, posto de gasolina, etc...

“ Não cabe aqui discutir a justeza das alienações sucessivas. Em cada ocasião houve razões fortes e fraquezas explicáveis até certo ponto. O que importa, agora, é atentarmos para as percentagens retiradas da recreação e nos convenceremos de que

área restante deve ser defendida, qualquer que seja a razão invocada para ocupá-la.(Macedo, 1973, p. 134)”

O tombamento do Parque Farroupilha pelo Conselho do Patrimônio Histórico do Município de Porto Alegre, em 1997, protege hoje sua área, de pretensas reduções , preservando por força da lei, a unidade do restante de sua área original.

2.Situação do Parque

O Parque Farroupilha situa-se entre as Avenidas João Pessoa, Loureiro da Silva, rua Engenheiro Luiz Englert, Avenida Paulo Gama, Osvaldo Aranha e Avenida José Bonifácio.

A testada da Avenida João Pessoa possui 689,42 m, Avenida Loureiro da Silva 60,68 m, rua Engenheiro Luiz Englert 223,58 m, Avenida Paulo Gama 223,58 m, rótula entre rua Engenheiro Luiz Englert e Avenida Paulo gama 45,98 m, Avenida Osvaldo Aranha 930,04 m e Avenida José Bonifácio 776,36 m.

3.Descrição do Entorno

Na borda da Av. José Bonifácio, está localizado o Colégio Militar de Porto Alegre, construído em 1872, a Igreja Santa Terezinha e a Igreja do Divino Espírito Santo. No canteiro central da avenida, sob as tipas(*Tipuana tipu*) antigas e frondosas, acontece aos domingos o Brique da Redenção, tradicional feira que reúne artesanato, antiguidades, acontecimentos políticos e manifestações diversas.

Na borda da av. Osvaldo Aranha, se desenvolvem dois canteiros centrais de belo efeito, com plantio alternado de palmeiras do gênero *Washingtonia filifera* e árvores da espécie *Jacaranda mimosefolia* .

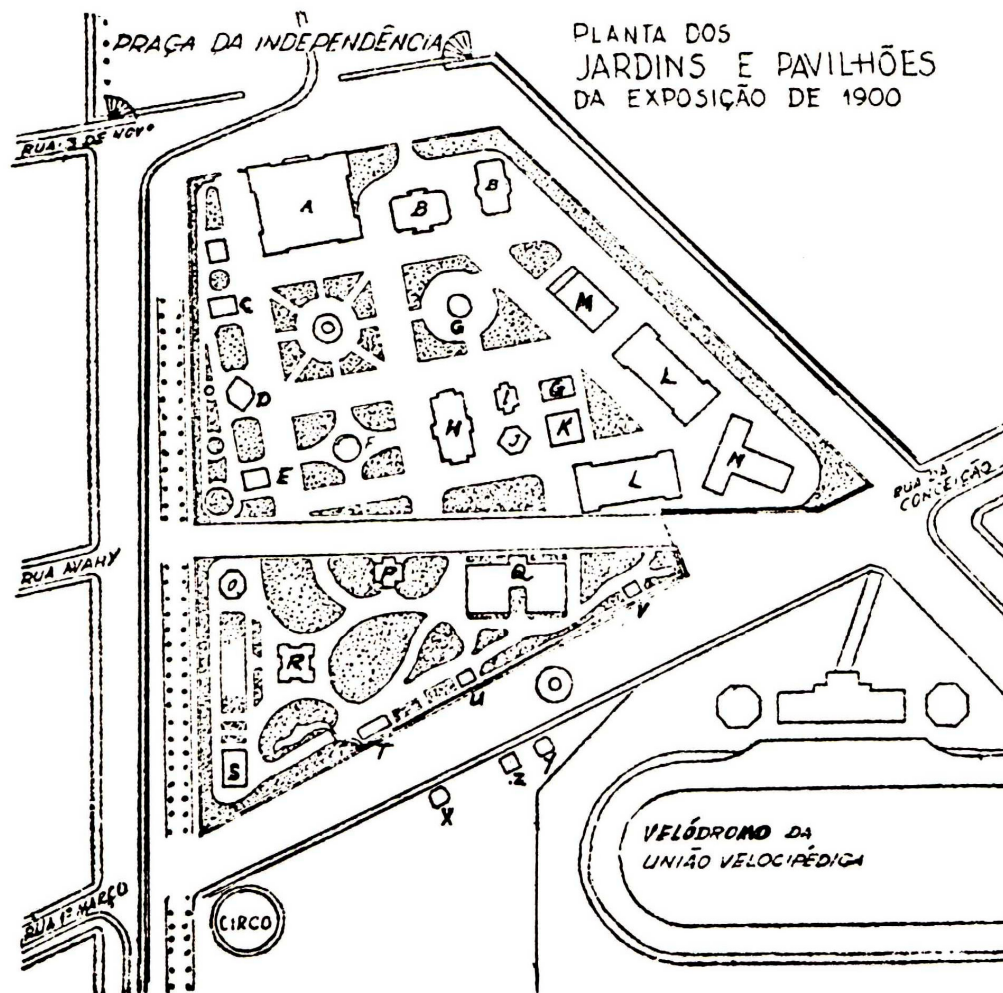
A borda da avenida Luiz Englert é marcada por uma alameda de plátanos (*Platanus occidentalis*)e estruturada por prédios da Universidade Federal, entre eles a Reitoria.

4. A Exposição de 1901

Para a Grande Exposição de 1901, foram executados jardins e construídos pavilhões para funcionamento da feira tal como mostra a planta abaixo (Macedo,1973,pag 106).

A planta baixa como se vê, mostra o circo para touradas e a área da União Velocipédica, que reunia os praticantes do ciclismo, uma paixão dos porto-alegrenses, o “Pavilhão de Machinas”, o maior de todos os pavilhões, dedicado à apresentação da produção e riqueza dos municípios e também canteiros ajardinados.

O traçado, parte de uma rua principal interna que vai da rua Avaí até a rua da Conceição, atual Sarmento Leite. Na parte norte foram traçados caminhos ortogonais, definidos a partir da Escola de Engenharia. Os prédios foram localizados em conjunto com os canteiros.



Planta Baixa da Exposição de 1901 (Fonte: Macedo, 1973)

Na parte sul, os canteiros são traçados de forma mais orgânica e os prédios parecem mais adaptados aos encaminhamentos e canteiros propostos.

Ressalta-se porém a preocupação primordial com o tratamento paisagístico, como foi relatado por Riopardense de Macedo quando transcreveu no seu livro notícia publicada em 1913 pela *Lloyd's Greater Britain Publishig Ltda*, referindo-se aos logradouros de Porto Alegre na página 802:

" O maior destes, conhecido como Campo da Redenção, ocupa uma posição muito central e tem uma área de 700 000 metros quadrados; ao longo da face sudoeste corre uma bela avenida arborizada; na extremidade norte fica a esplêndida vista e a sede da União Velocipédica. Bem perto está um magnífico parque, traçado por ocasião da grande exposição de 1901, com encantadores campos artisticamente

ornamentados de canteiros de flores plantas e arbustos e com largas alamedas. O parque tem várias cascatas artificiais, assim como pavilhões, coretos para banda de música, restaurantes, um teatro, etc. (Macedo,1973,p. 107).



Vista da Exposição de 1901 (Fonte: Arquivo SMAM)

5. Plano João Moreira Maciel de 1914

Contratado pela Intendência para elaborar um Plano de Melhoramentos para a cidade, o arquiteto João Moreira Maciel, preocupou-se em incluir alguns ajardinamentos em espaços vazios, entre eles o Campo da Redenção.

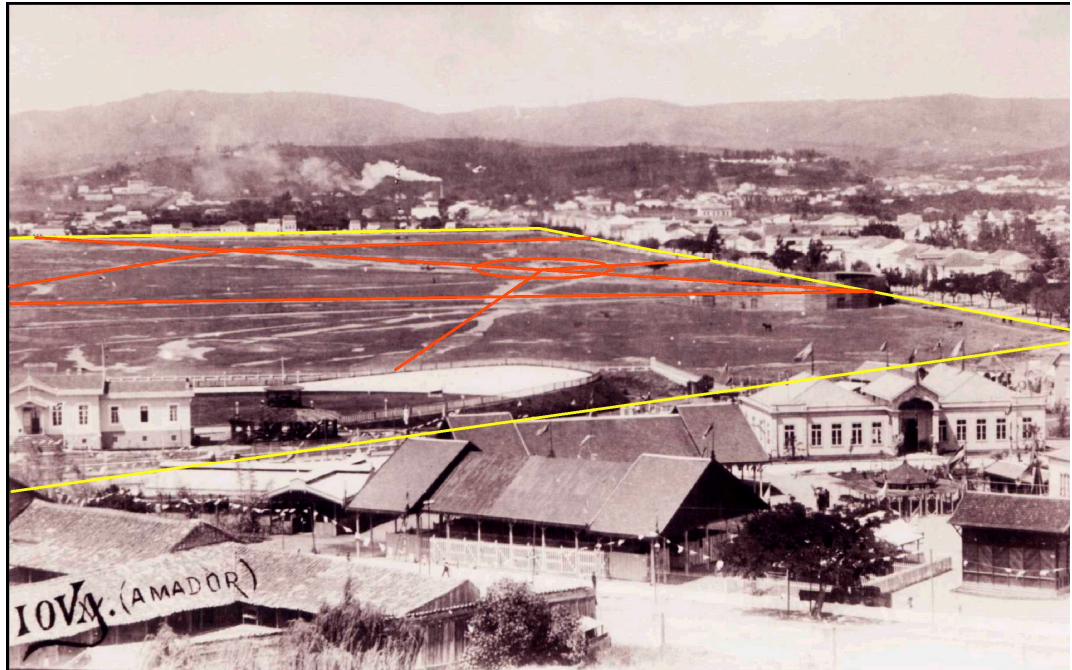
O quarteirão demarcado pela atual rua Sarmento Leite, que em função da exposição de 1901, já havia sido modificado, fora ocupado por prédios tais como o Instituto de Eletrotécnica, o Colégio Júlio de Castilhos e a Faculdade de Direito.

Do outro lado da rua , onde era o circo de touradas, foi construída a Faculdade de Medicina.

Em uma fotografia da Exposição de 1901, com a várzea ao fundo, é possível observar caminhos definidos, trilhas deixadas pelos transeuntes, marcadas no campo existente. A principal delas liga a Escola Militar à região da rua da Conceição, , que vai ao Centro da cidade no prolongamento da rua Santana. Sobre este caminho foi marcado o Eixo Principal do Plano de Maciel. Transversais a este , foram projetados dois eixos, um ligando a rua da República com a Garibaldi e outro a Luiz Afonso com

a João Teles. Também foi projetado um quarto caminho em diagonal unindo os dois extremos mais distantes . Todos os eixos foram marcados sobre as trilhas existentes.

Maciel traçou um projeto, criando nove quarteirões separados por ruas para tráfego, além disso ao lado da Faculdade de Medicina seria aberta uma rua que se prolongaria por duas quadras, hoje a Luiz Englert . Essa divisão em pequenas praças, facilitaria a alienação destas áreas e seria um passo para o loteamento.



Vista Parcial da Várzea com eixos traçados sobre as trilhas (Fonte: arquivo SMAM)

Os projetos para as praças previstas no plano Maciel possuíam caminhos tortuosos, espaços para estar, pérgolas e quatro pequenos prédios , que , imagina-se deveriam servir à manutenção das áreas.

Do plano de João Moreira Maciel foi implantado apenas o projeto de arborização cuja vegetação de porte é existente até hoje na antiga rua 1º de março, hoje Luiz Englert . O restante do proposto, no que tange à area do Parque, felizmente, não foi implantado.



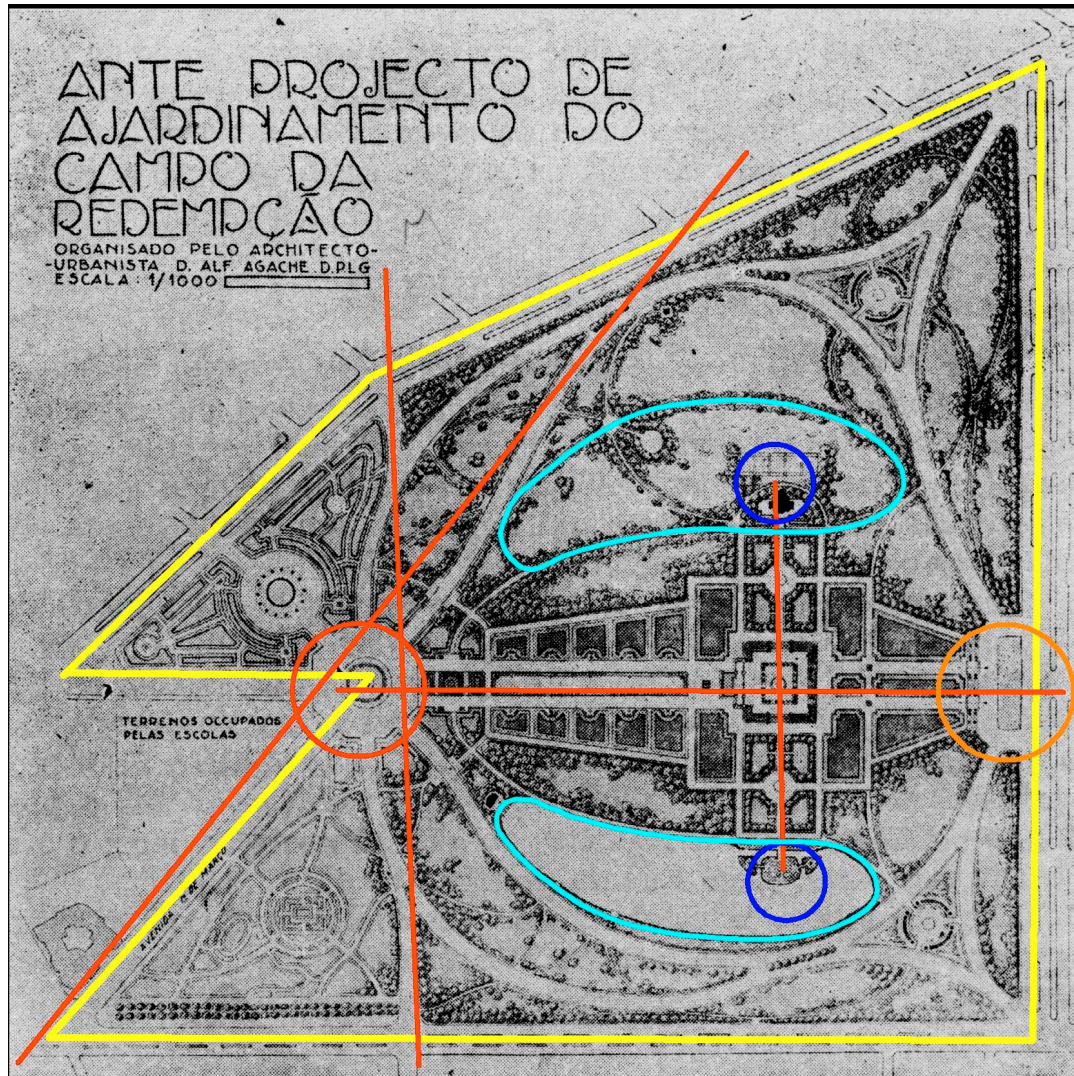
Planta baixa do projeto de João Moreira Maciel com eixos(Fonte: Macedo, 1973)

6. .Anteprojeto do Campo da Redenção

Em 1928, o arquiteto Urbanista francês Alfred Agache, foi contratado para elaborar anteprojeto de ajardinamento para o Campo da Redenção.

Alfred Hubert Donat Agache, nascido em Tours na França em 1875, graduou-se em arquitetura na *École Nationale des Beaux-Arts* de Paris, no final do Séclo IX , e trabalhava no Rio de Janeiro, na época cenário de

muitas construções e renovações urbanísticas, quando foi contratado para o projeto. Iniciou os trabalhos eliminando a proposta anterior de retalhamento da área, proposto por Maciel. Aproveitou a idéia do eixo principal pelos motivos já usados no plano anterior, aproveitando os caminhos marcados pelos transeuntes, o que de forma lógica consagraria o traçado.



Planta baixa do projeto de Agache com eixos (Fonte: arquivo SMAM)

O projeto parte de um eixo principal que vai da avenida José Bonifácio até a antiga 1º de Março, este eixo ,chamado Monumental, aliado ao eixo Transversal e ao Grande Lago, são os elementos estruturadores do conjunto do Parque projetado.

Agache, obedeceu no centro da área à concepção dos jardins franceses, caracterizados pela geometria e simetria em torno de um eixo principal. A rigidez simétrica do conjunto é acentuada pela disposição da vegetação lateral. Observa-se no entanto, a inserção de curvas orgânicas, no desenho do lago e no seu contraponto, o desenho de um canteiro de forma igual, rebatido sobre o eixo. À ilha projetada contrapõe-se um caramanchão, no arremate do eixo transversal.

A partir daí os canteiros desenham-se de forma sinuosa até as bordas da área, com nítidas características dos jardins ingleses de curvas soltas e naturais.

O uso de eixos, lagos e elementos arquitetônicos, como no projeto de Agache para o Campo da Redenção, foi usado nos projetos dos parques urbanos ingleses, como se vê nos exemplos utilizados na tese de Luis Fernando da Luz, Parque Farroupilha, Composição e Caráter de um Jardim Público em Porto Alegre, denotando uma grande semelhança de estruturação de projeto. Foram citados entre outros o Hide Park em Londres, o Blendheim Park em Oxfordshire e o Stowe em Buckinghamshire.

O desenho final, mescla elementos das duas escolas, resultando em última análise em uma concepção paisagística eclética.

7.O Parque de hoje

o Parque Farroupilha, apresenta hoje , dois únicos elementos de composição originários do projeto original de Agache que nos permitem uma leitura formalista do conjunto, o Lago e o Eixo Monumental.

O restante do projeto perdeu-se ao longo das inserções que hoje formam o conjunto, onde não se encontram mais as características originais do modelo proposto.

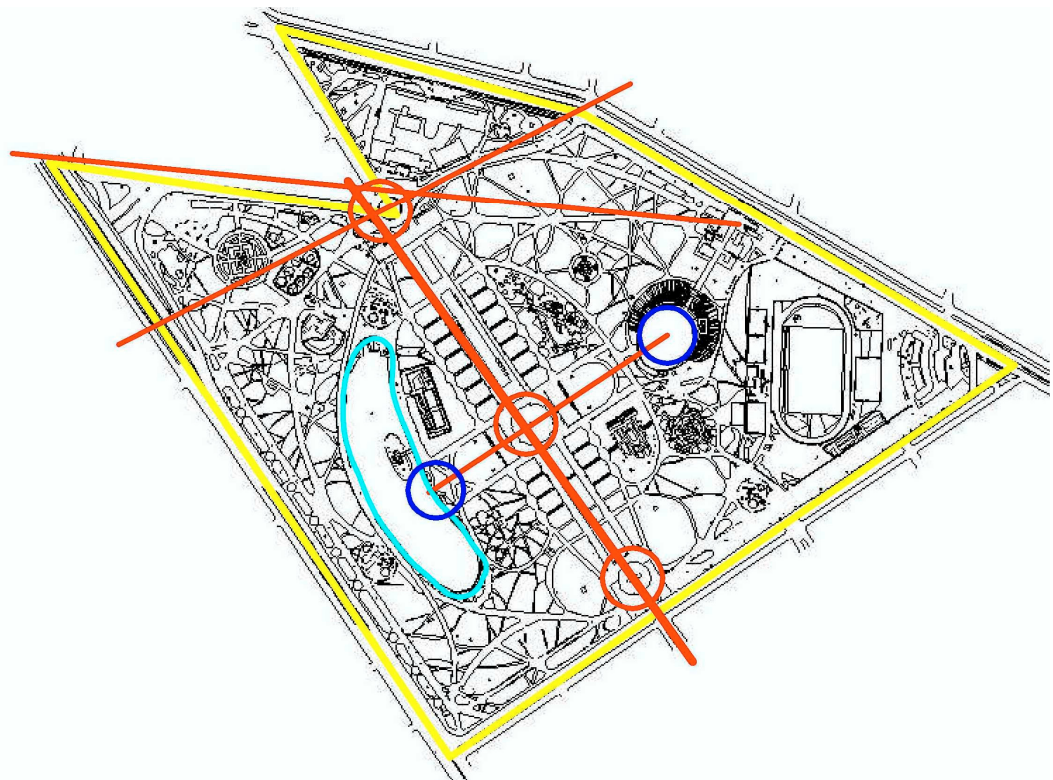
A representatividade histórica, ainda que guarde resquícios, do projeto original, onde se definia, perfeitamente, a mescla de estilos francês e inglês, não existe mais.

Não há mais como vincular-se o desenho do Parque como um todo a períodos históricos. As alterações ocorridas foram feitas sem critério , e por profissionais sem formação suficiente para intervir num modelo específico que exigia conhecimento histórico e habilitação técnica. O parque foi tratado como uma pequena praça de bairro, onde se acresciam atividades para o lazer de acordo com os modelos em voga nas épocas que se sucederam.

Hoje, muito se lamenta esta perda, mas as alterações , passaram a fazer parte da própria fantasia dos usuários , frequentadores do Parque, assim como se tornaram importantes para o lazer destes usuários.

Hugo Segawa em *Ao Amor do Público , Jardins do Brasil*, relata a relação de alguns jardins públicos do Brasil"... e suas relações com as idéias de um tempo e ao longo de um tempo..."(Segawa,1996, p.14) Onde conclui que ..."a natureza, a paisagem, o jardim público ,nada significam por si. São os humanos que atribuem significados que vão qualificar as imagens, os objetos." (Segawa, 1996,p.223).

Levando-se em consideração a apropriação dos espaços pela população da cidade, consideramos equivocada a idéia de retomar-se o traçado original do projeto de Agache como tem sido sugerido por alguns autores, como por exemplo na tese de Luis Fernando da Luz, já que por conta dessa atitude apagar-se-ia parte da história e da vida dos habitantes da cidade o que a meu juízo seria mais prejudicial na balança da História.



Levantamento planialtimétrico com eixos (Fonte: arquivo SMAM, 1999)



Vista aérea do Parque Farroupilha(Fonte: arquivo SMAM, 2000)

Citando a carta de Veneza, num eventual projeto de restauração global para a área, a ser executada no futuro, deve-se ter em conta o artigo 11, a seguir descrito:

Artigo 11º - As contribuições válidas de todas as épocas para a edificação do monumento devem ser respeitadas, visto que a unidade de estilo não é a finalidade a alcançar no curso de uma restauração, a exibição de uma etapa subjacente só se justifica em circunstâncias excepcionais e quando o que se elimina é de pouco interesse e o material que é revelado é de grande valor histórico, arqueológico, ou estético, e seu estado de conservação é considerado satisfatório. O julgamento do valor dos elementos em causa e a decisão quanto ao que pode ser eliminado não podem depender somente do autor do projeto.

Também Cesare Brandi em sua Teoria de la Restauración, defende,

"...Desde el punto de vista histórico, las adiciones sufridas por una obra de arte no son más que nuevos testimonios del quehacer humano y, por tanto de la historia."(Brandi,1988,p.39).

O Parque Farroupilha representa para a cidade de Porto Alegre um documento histórico, onde se pode ler a evolução social da cidade. Deve-se portanto dedicar-lhe um tratamento especial, incluindo, quando necessário, restaurações criteriosas, a fim de que a cidade não corra mais o risco de perder suas referências.

8.Referências Bibliográficas

BRANDI, Cesare. Teoría de la Restauracion, Madrid: Alianza Editorial,1988.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre. Guia Histórico, Segunda edição. Porto Alegre: Editora da Universidade ,1992.

KRUG, Ruy Baddo, Entrevista, em 10 de setembro. de2002, Porto Alegre

LUZ, Luis Fernando, PARQUE FARROUPILHA, Composição e Caráter de um Jardim Público de Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira, A Fundação de Porto Alegre: Dados Oficiais. Porto Alegre: Editora Norma, 1987.

RIZZOTTO, Renata Salvadori; BELLO, Helton Estivalet; BREDA, Clovis Roberto, Instrução Detalhada de Tombamento, Porto Alegre: SMAM, 2002.

SEGAWA, Hugo, AO AMOR DO PUBLICO, Jardins do Brasil, São Paulo: Editora Studio Nobel, FAPESP,1996.

SILVA, José Loureiro da; PAIVA, Edvaldo Pereira. Um Plano de Urbanização. Porto Alegre:Editora Globo,1943.

9.Anexos

1. Lei de Doação da Várzea. Arquivo DPC/SMAM
2. Decreto de Denominação do Parque. Arquivo DPC/SMAM
3. Cópia do Catálogo da Exposição de 1935 Arquivo DPC/SMAM.
4. Lei nº 2185.Arquivo, DPC/SMAM.
5. Fotos do Parque Farroupilha, Arquivo, DPC/ SMAM.
6. Cópia do Anteprojeto Paisagístico de Alfred Agache. Arquivo DPC/SMAM.
7. Cópia de Levantamento Planialtimétrico, Arquivo DPC/SMAM.
8. Situação dos Monumentos do Parque Farroupilha, Arquivo DPC/SMAM.

GERMANI, Ana Maria. **O Parque Farroupilha:** ensaio sobre a evolução do projeto paisagístico. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 2002. 18 p.